

Lucas Antonio da Silva¹
MaDu Gaspar²

OS SAMBAQUIEIROS E AS ÁGUAS. REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE O MODO DE VIDA PESCADOR E OS RIOS, AS LAGOAS E OS MARES

***THE SAMBAQUIEIROS AND THE WATERS.
REFLECTIONS ON THE RELATIONSHIP
BETWEEN THE FISHERMAN WAY OF LIFE
AND RIVERS, LAGOONS AND SEAS***

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO

A proposta central do artigo é trazer algumas reflexões sobre a relação dos sambaquieiros com as águas. Partindo da delimitação desses grupos enquanto eminentemente pescadores, serão apresentados estudos que demonstram a importância das águas como um elemento agenciador do modo de vida pescador. Nesse sentido, a argumentação seguirá na evidência da importância dos “aquatórios”, da visibilidade e da navegação e, por fim, a do grande volume de peixes e outros seres aquáticos presentes nos sítios arqueológicos.

PALAVRAS-CHAVE: Sambaquieiros; Sambaquis; Pescadores; Águas

ABSTRACT

The central proposal of this article is to bring some reflections on the relationship of the sambaquieiros with the water. Starting from the delimitation of these groups as eminently fishermen, studies will be presented that demonstrate the importance of water as an agent of the fishermen's way of life. In this sense, the argumentation will follow in the evidencing of the importance of the aquatic reservoirs, visibility and navigation, and, finally, of the great volume of fish and other aquatic beings present in the archeological sites.

KEYWORDS: Sambaquieiros; Sambaquis; Fishermen; Water

A ÁGUA E AS SOCIEDADES. O ENCONTRO DA NATUREZA E DA CULTURA?

Para Strang (2004, 2005) a água possui a qualidade de proporcionar experiências comuns para diferentes pessoas e sociedades. A percepção do frescor, do cheiro e do gosto são sensações que emergem da experiência e significação da água para a humanidade. Nesse sentido, Bachelard (1989) aponta que a água é um elemento vital ao ser humano, pois a mesma constitui o corpo e, para o autor, o sangue é a matéria líquida que representa a importância da água para a vida e condição de existência física do ser. Bachelard (1989) ainda destaca a capacidade “universalizante” da água em temperar as coisas, isto é, em transformar a matéria, tornando-a úmida, proporcionando, por exemplo, a argila para a manufatura de uma cerâmica ou para dar a liga entre diferentes ingredientes de uma receita culinária.

Ao abordar a água como um lugar de sociabilidade e aprendizado, Strang (2004, 2005) e Edgeworth (2011) apontam para a importância da experiência física e da apropriação cultural da água em suas diferentes manifestações, sejam em rios, lagos, banhados ou mares. Cada uma dessas manifestações, em conjunto com as particularidades culturais, gera diferentes tipos de apropriação e significados. Tanto Strang (2004, 2005) quanto Edgeworth (2011) destacam que a materialidade é uma intermediadora desse processo de significação. Por exemplo, a construção de moinhos, aproveitando a força d’água para moer grãos ou a construção de poços e barragens para a obtenção de água para o consumo (EDGEWORTH, 2011) revelam como a materialidade agencia relações de diferentes naturezas entre a água e as pessoas.

Entretanto, para as sociedades pescadoras a água assume uma importância particular, pois a mesma é o lugar no qual os pescadores estabelecem suas relações produtivas e simbólicas. De modo geral, ao falar dos rios, lagoas, banhados e mares os pescadores se referem aos locais nos quais é possível a reprodução de seu modo de vida. Maldonado (1994) destaca a importância dessa ideia ao delimitar a água enquanto um território, isto é, um espaço incorporado pela tradição local devido a sua relevância social. Segundo a autora, essa incorporação ocorre através do conhecimento prático e da experiência física dos lugares. Portanto, para as sociedades pescadoras a água é parte preponderante do território e, sendo assim, a mesma assume um protagonismo no agenciamento das práticas associadas ao modo de vida pescador.

Do ponto de vista prático, destacam-se duas esferas de agência da água que são frequentemente referenciadas pela literatura, os pesqueiros – ou locais de pesca – e a navegação (ADOMILLI, 2002, 2007; BEGOSSI, 2004; BERKES & SEIXAS, 2005; DA SILVA, 2007; DIEGUES, 1973, 1997, 1998, 1999, 2000, 2004; FORMAN, 1970; KOTTAK, 1983; MALDONADO, 1994, 2000; MOURÃO, 2003; SEIXAS & TROUTT, 2004; SILVA, 2012, 2015). De modo geral, os pesqueiros são parte fundamental do processo produtivo para a obtenção do pescado, mas são importantes

também do ponto de vista simbólico através da elaboração e manutenção dos territórios, manifestando-se por meio da territorialidade. A navegação, por sua vez, é parte dessa territorialidade e se manifesta através de um conjunto de observações e gestos que possibilitam o deslocamento seguro pela superfície fluida da água – avaliando também as condições atmosféricas.

No mesmo sentido, Silva e Gaspar (2019) apontam para a importância da materialidade e da paisagem aquática como um elemento agregador e de identidade associado às populações pescadoras. A correlação do uso produtivo e simbólico da materialidade com os pescadores é uma característica marcante das sociedades pescadoras e, além disso, pode ser um ponto de inferência de aspectos relacionados à identidade do pescador, isto é, da vinculação do mesmo com as águas. Já Wagner e Silva (2014, 2020, 2021) realizam percurso semelhante, através do aparato teórico da socioantropologia da pesca, evidenciando o caráter comum das categorias ideológicas da pesca a todas as comunidades, como, por exemplo, o conhecimento tradicional, o território e a maritimidade. Essas categorias encontram-se na tessitura entre os pescadores e seus ambientes, especialmente ao longo dos rios, das lagoas, dos banhados e dos mares nos quais a pesca centraliza boa parte de suas atividades (SILVA, 2018).

Considerando a importância das águas para as sociedades pescadoras, o objetivo central do presente artigo será elaborar reflexões sobre as relações entre os pescadores dos sambaquis e as águas. Tal como afirmado anteriormente, as águas possuem uma importância particular para as sociedades pescadoras, enquanto um lugar principal de agenciamento de seu modo de vida. Portanto, serão explorados alguns tópicos já abordados nos estudos sobre os sambaquieiros em conjunto com temas trabalhados nos estudos sócio-antropológicos e etnográficos sobre as populações de pescadores atuais.

OS PESCADORES-COLETORES DOS SAMBAQUIS E SEUS “AQUATÓRIOS”

Os sambaquis sempre estiveram relacionados com as águas. Os *naturalistas* os consideravam um testemunho da variação do nível do mar e, para alguns, era a prova concreta do dilúvio. Uma ideia fantástica que se quer considerava a densidade dos materiais, onde camadas e lentes compostas por materiais leves, como ossos, carvões e cinzas permanecem intercaladas com pesados pacotes de conchas e peças líticas, formando a intrincada estratigrafia característica desse tipo de sítio arqueológico. Para muitos estudiosos, o grande número de conchas presentes nas seções de perfil indicava que sambaquis eram o local de moradia de bandos coletores de moluscos, suficientemente primitivos para viverem em seu próprio lixo e nesse mesmo espaço enterrarem os mortos (PROUS, 1992, GASPAR *et al.* 2014)

Desde que se passou a considerar as pessoas que estavam relacionadas com os sambaquis, e isso foi há muito tempo com o clássico texto de Wiener

(1876), a relação estreita e indissolúvel entre esses assentamentos com as águas foi colocada. A implantação à beira mar, margem de rio, lagoa ou canal reforçam essa intrínseca associação.

A presença de sítios arqueológicos implantados um pouco mais distantes da linha atual do mar havia dado, outra vez, a impressão de existirem assentamentos mais interioranos do que outros e que a distância da atual linha de praia poderia ser tomada como característica relevante para classificar esse tipo de sítio arqueológico. Krone (1914), em abordagem inovadora para a época, sugeriu correlação entre a variação do nível do mar e cronologia de ocupação de sítios, reconectando com a água marinha os sambaquis que, na atualidade, estão distantes da costa. Mesmo com todo o sistema de drenagem atual, a planície litorânea ainda sofre com as cheias decorrentes dos períodos mais chuvosos. Essas inundações formam e formavam um *verdadeiro mar interior*, sendo essa a razão para denominar como “ilha” os sambaquis localizados em porções mais interioranas, conforme o caso dos sambaquis Ilha da Boa Vista I, II, III e IV (GASPAR, 1998).

Estudo apoiado em levantamento sistemático de sítios e análise da evolução costeira empreendido no litoral Sul de Santa Catarina apresenta o território ocupado pelos sambaquieiros sempre preenchido pelas águas (DEBLASIS *et al.*, 2021; KNEIP *et al.*, 2018). Os autores desenham a paisagem que, desde 7.500 anos AP, era um “aquatório” no sentido proposto pelos pesquisadores. Esta constatação já poderia ter sido delineada a partir da verificação de que sambaquieiros ocuparam ilhas como nos casos do sambaqui do Aventureiro, na Ilha Grande, ou da Ilha de Santana, localizada a quilômetros da atual linha da costa Sul do estado do Rio de Janeiro (TENÓRIO, 2003; LIMA E SILVA, 1985).

O meio líquido propicia comportamento colaborativo por conter um tipo de recurso diferente do terrestre que, muitas vezes, exige o cuidado com o lugar e suscita aos segmentos sociais desenvolverem uma relação particular de controle e apropriação de determinados espaços, especialmente os mais férteis (GASPAR, 2006). “Aquatórios” são lugares compartilhados, territórios intensamente usados, locais de tomada de decisões para escolher a melhor maneira de capturar pescado, ler os sinais evidentes nas águas, reconhecer espécies, tamanho de cardume, verificar a ação de outros pescadores e decidir a melhor maneira de capturar a comida. Também é um bom lugar para conversar, trocar informações e contar histórias da vida. Trata-se, portanto, de um espaço de sociabilidade (KNEIP *et al.*, 2018, GASPAR *et al.*, 2011).

Variabilidade e plasticidade parecem ser características relevantes do modo de vida dos pescadores-coletores e, provavelmente, também norteavam as relações de poder e prestígio que apontam ter se organizado em termos heterárquicos com inúmeras evidências de desigualdade expressas na implantação privilegiada de alguns assentamentos, tempo de atividade de determinados cemitérios, dimensões dos sítios e tratamento espetacular de alguns sepultamentos. É bem possível que lideranças se apresentassem e se alternassem em situações específicas envolvidas em uma rede interconectada de assentamentos que tam-

bém se distinguiam (DEBLASIS, GASPAR & KNEIP, 2021).

O modo de vida dos sambaquieiros e meio líquido estiveram sempre entrelaçados, domínios distintos e com dinâmicas próprias, costurados pela pesca e pela coleta. Sambaquieiros construíram uma paisagem para ser observada principalmente das águas, delas retiraram seu sustento e os materiais que combinados e recombinados integravam suas festividades. Replicaram no rito, na construção de gênero e, talvez, na hierarquia a plasticidade das águas que nunca são as mesmas e que seguem em constantes mudanças ao longo do tempo. O estudo realizado por Escorcio e Gaspar (2010) constatou variabilidade dos acompanhamentos funerários em relação a sexo e sugere ausência de papéis de gênero muito bem definidos para a sociedade de pescadores-coletores que construiu os sambaquis e DeBlasis et al (2007), por sua vez, consideram que não identificaram indícios de hierarquia bem estabelecida. A associação dessas duas características aponta para uma sociedade bastante plástica, provavelmente um sistema social heterárquico relativamente homogêneo, sem que desigualdades sociais tivessem grande destaque.

O elemento líquido já se impunha amplamente perceptível para a ciência em decorrência da identificação desse tipo de sítio arqueológico em ilhas e, sobretudo, se levado em consideração que a unidade que tem sentido sociológico é o *agrupamento de sítios*¹, pressupondo a integração de sítios insulares. A Baía de Angra do Reis, pontilhada de sambaquis, é uma mostra atual do que sempre foi o “aquatório” dos pescadores-coletores (LIMA, 1991). Portanto, partindo da centralidade da água como um lugar de integração dos sítios e das pessoas que os constituíram, pode-se pensar que o caráter de coesão associado à pesca (DIEGUES, 2004) envolve também a água enquanto um elemento que agrega produtiva e simbolicamente as populações pescadoras do passado.

OS CAMINHOS E A VISIBILIDADE DOS SÍTIOS

Os caminhos terrestres percorridos em prospecções arqueológicas conformaram noções espaciais, especialmente de proximidade e distância, sem que fosse considerado que os sambaquieiros transitavam em seu território com embarcações. Cabe destacar que muitas áreas de terra firme são decorrentes da variação do nível do mar, obras de drenagem entre outras intervenções voltadas para a preparação de terrenos para plantio, criação de gado e ampliação de espaços urbanos. Na cidade do Rio de Janeiro o aterramento do saco de São Diogo e da lagoa de Santo Antônio são bons exemplos da transformação de espaços hídricos para a implantação de avenidas e edificações. Na paisagem atual, a presença desse tipo de sítio em ilhas é indício eloquente do controle da navegação e estudos de esqueletos reconhecem marcas pertinentes a uma população que

¹ A ideia que o agrupamento de sítios é a unidade sociológica estruturada do modo de vida dos sambaquieiros foi proposta por Gaspar (1991) ao estudar a distribuição espacial dos sambaquis do Rio de Janeiro e amplamente demonstrada para o litoral Sul de Santa Catarina por Kneip et al.(2018).

atravessava as águas com o uso de barcos² (RODRIGUES-CARVALHO, 2004).

A exposição dos sambaqueiros as águas, ao vento e as mudanças bruscas de temperatura também foi evidenciada através da identificação de patologias, especialmente ósseas-auditivas. Segundo Okumura, Boyadjian & Eggers (2005), a combinação dos referidos fatores ambientais – água, vento e variação de temperatura – seria uma possível causa para a presença de exostoses auditivas em esqueletos humanos associados aos sambaquis, especialmente na região Sul do Brasil, por conta das variações climáticas e maior exposição dos pescadores ao vento. As autoras apontam que nas populações modernas a doença auditiva é comum principalmente em praticantes de esportes aquáticos, tais como mergulhadores, surfistas ou velejadores. Portanto, a presença dessa patologia reforça a relação intensa dos sambaqueiros com as águas e demais fenômenos associados, tais como os ventos e as variações de temperatura, também apontados como fatores centrais para a observação e escolha de pesqueiros (SILVA, 2012, 2015).

A integração das “comunidades” sambaqueiras através da navegação (DEBLASIS, GASPAR & KNEIP 2021; GASPAR, 1995; KNEIP *et al.*, 2018), observada pela disposição dos sítios arqueológicos ao longo principalmente das lagoas, demonstra uma complexa rede de relações que se constituem por meio de um espaço aquático comum. Pode-se pensar na comunicação e deslocamentos inter-sítios – entre as antigas comunidades – mas também na elaboração de lugares de importância produtiva e simbólica, tal como ocorre nas comunidades de pescadores do presente, nas quais, há uma série de disputas para a apropriação de pesqueiros e locais propícios para a pesca (DIEGUES, 2004; DUARTE, 1978; FORMAN, 1970; MALDONADO, 1994, 2000). Nesse sentido, as águas para os sambaqueiros, por um lado, proporcionavam a integração com outras comunidades e lugares de importância e, por outro, também eram um lugar de disputa e apropriação por conta de outras práticas de ordem produtiva ou simbólica (ZEDEÑO, 2008).

A visibilidade para um povo que construía seus cemitérios, sempre para cima e buscando alcançar volume, é perceptível através de sítios às margens dos grandes corpos de água, mas, é ainda mais notável a partir das lagoas, canais e do mar. Os sambaquis foram construídos para serem vistos, principalmente a partir do meio líquido, aspecto relevante o suficiente para se considerar que a visibilidade informe sobre a importância de alguns assentamentos no interior de agrupamentos de sítios. A construção do *mapa de visibilidade* aponta sítios que mais se destacam a partir desse critério e informa sobre a hierarquia entre assentamentos. A implantação no meio físico e dimensão dos sambaquis expressam relações de poder e prestígio relacionadas com a capacidade de mobilizar pessoas em cerimônias fúnebres (GASPAR, 1991; FISH *et al.*, 2000; DEBLASIS *et al.* 2007; KNEIP *et al.*, 2018; KLOKLER, 2008).

O estudo de Milheira (2021) sobre visibilidade e mobilidade dos cerriteiros da Lagoa dos Patos oferece um interessante exemplo da correlação entre o sis-

² O estudo conduzido por Scherer, Rodrigues-Carvalho e Schmitz (2006) aponta o mesmo fenômeno para a ocupação Jê – sítio Praia da Tapera – em Santa Catarina. Evidenciando o aspecto intercultural da navegação através das análises dos esqueletos.

tema de assentamento dos sítios arqueológicos e a mobilidade prioritariamente aquática desses grupos. O autor indica que a posição dos sítios sugere um possível controle visual da paisagem aquática, reforçando que haveria uma preocupação em delimitar áreas de importância para os grupos. Nesse sentido, mesmo se tratando de outras populações, evidencia-se que os sítios são lugares estratégicos na paisagem, pois a partir dos mesmos as pessoas enxergam e se fazem enxergar a partir das águas.

A navegação é um tipo de deslocamento distinto do caminhar na terra (GASPAR, 2006; SILVA, 2018, 2020). A visão e as noções de equilíbrio, distância e direção alteram-se por conta da fluidez da superfície da água e da ação de outros elementos sobre a embarcação, principalmente do vento (ADOMILLI, 2007, 2016; SILVA, 2015, 2019). Ressalta-se a visão, pois, segundo Forman (1970) uma das principais estratégias de marcação e orientação para a navegação é o sistema de triangulação entre a embarcação, o ponto de pesca e algum referencial geográfico terrestre. Essa mesma ideia, aplicada a marcação de pescadores, auxilia os pescadores no deslocamento para determinados pontos de importância nas margens e ao longo dos corpos d'água. Nesse sentido, pode-se sugerir que os sambaquis possuem, além da importância simbólica e produtiva, um potencial de orientação e, por consequência, são elementos que marcariam uma sistemática de navegação e deslocamentos (WAGNER, 2022). Portanto, os sítios arqueológicos são uma parte importante do processo de territorialização – ou “aquatorialização” – enquanto referências de deslocamento e orientação do ato de navegar.

Ainda sobre a navegação, deve-se salientar a importância da observação da correnteza e dos ciclos de marés, que tanto impactam os deslocamentos e pescarias nas comunidades atuais. A relação dos sítios com esses fenômenos certamente era observada no momento da escolha do lugar para a implantação do assentamento, especialmente para a melhor demarcação do lugar na paisagem e evitar que as águas destruíssem o local. No caso da correnteza, especialmente dos rios e canais, há um sistema de navegação para o aproveitamento da força do rio, quando se navega ao sabor do mesmo e, ao contrário, prioriza-se o uso das margens, para diminuir o arrasto e potencializar a remada. Silva (2020) relata as diferentes experiências de navegação – rios e lagoas – nas quais o autor acompanhou alguns pescadores e apontou a importância do aproveitamento correto da correnteza para a navegação em pequenas embarcações.

OS PESQUEIROS E OS PEIXES

A relação dos sambaquieiros com as águas também pode ser observada a partir da presença em maior volume dos peixes associados aos sepultamentos (FISH *et al*, 2000; KLOKLER 2012, 2016; SILVA & GASPAR, 2019; WAGNER & SILVA, 2021). Acentua-se essa relação quando Klokler (2012, 2016) ressalta que os únicos animais aparentemente depositados inteiros junto aos sepultamentos são os

peixes. Neste caso, observa-se que se combinam os aspectos produtivos e simbólicos, na medida em que há uma reunião de práticas associadas à obtenção do pescado – a navegação, o uso de materiais de pesca, a seleção de pesqueiros e espécies de peixes – e também aos rituais funerários que marcam a identidade dos grupos sambaquieiros.

A constatação de que os sambaquieiros eram exímios pescadores ficou bem delimitada a partir do estudo de Figuti (1993, 1998), no qual o autor demonstra a preponderância do consumo de peixes em relação à massiva presença de moluscos. Ao escapar da visão impressionista (DEBLASIS *et al*, 1998) – causada pela percepção visual das carapaças de moluscos – há uma mudança significativa no entendimento das populações sambaqueiras, pois ao conceber os mesmos enquanto pescadores abriu-se um novo horizonte de compreensão sociológica, seja na organização social, produtiva ou simbólica.

Wagner, Silva & Hilbert (2020) combinaram dados ictioarqueológicos e etnoarqueológicos para compreender a organização produtiva da pesca no Sambaqui do Recreio. No artigo os autores ressaltam o aproveitamento dos recursos pesqueiros, observando principalmente a importância do conhecimento tradicional, da marcação dos pesqueiros e da materialidade como elementos centrais para a pesca das tainhas e dos bagres. Gilson e Lessa (2019) também destacam a importância da seleção dos lugares de pesca, sugerindo a delimitação de pesqueiros em áreas de reprodução de determinadas espécies – os “berçários”. Ferreira e colaboradores (2019) apresentam um levantamento das artepescas encontradas nos sambaquis do litoral norte de Santa Catarina. Além disso, destacam a diversidade de espécies pescadas, observando especialmente o caráter simbólico da pesca a partir da associação dos peixes com os sepultamentos e também nas representações em pedra polida – zoólitos.

A cosmologia naturalista se encontra marcada especialmente nas esculturas zoomorfas que, segundo Prous (2018), além de evocarem a forma de alguns animais, as mesmas também costumam apresentar uma cavidade que poderia ser utilizada para o consumo de algum alimento em ritual (PROUS, 2018). Lima & Mazz (1999) apontam também que as esculturas zoomórficas podem ser interessantes indicativos de complexidade social, especialmente considerando o possível significado ritual e o processo artesanal-artístico envolvido na confecção do artefato. Pompeu (2021), em seu levantamento consistente dessas esculturas, afirma que um número significativo das mesmas aponta para animais com relações diretas com a água, categoria que o autor chamou de “animais nadadores/anfíbios”. Nesse sentido, seguindo a afirmação do autor, se reforça o argumento da água como um elemento de encontro entre humanos e não-humanos (outros animais) materializado no processo artístico de confecção das esculturas zoomórficas.

Em outro sentido, Catão (2021) apresenta em seu estudo a relação entre pescadores e os botos na cidade de Laguna (SC), o contexto de interação e colaboração entre diferentes espécies – humanos, botos e tainhas. A autora sugere

que a observação e o trabalho coletivo entre pescadores e botos leva a criação de certo vínculo, um laço produtivo, simbólico e afetivo no qual os pescadores observam os botos, os nomeiam conforme determinadas características físicas e de comportamento do animal e trabalham conjuntamente para realização da pescaria. A detalhada descrição dessa interação, e suas consequências para as comunidades de pescadores, evidenciam ainda mais o caráter multidirecional e mútuo entre as espécies envolvidas na pesca. Cada movimento dos botos é interpretado pelos pescadores como uma indicação de ação e, no entanto, há variações comportamentais entre um boto e outro, o que revela, segundo a autora, que a integração entre os seres nesse tipo de pesca depende de um processo de longa duração e convivência. O lugar de encontro e entrosamento entre pescadores e botos é sempre na água, reafirmando assim o caráter central que os rios, lagoas e mares possuem também para as relações inter-espécies.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A famosa frase proferida por Diegues (2004) – *A pesca constrói sociedades* – condensa em si uma série de práticas produtivas e simbólicas que caracterizam o modo de vida dos pescadores. No entanto, como já referido anteriormente (Silva & Gaspar, 2019), cabe à arqueologia entender como pescadores e materialidade constituem a pesca. Nesse sentido, ao analisar alguns aspectos da vida material dos sambaqueiros observou-se que existe certa sociologia das águas associadas a essas comunidades pretéritas.

O primeiro aspecto que se evidencia é a relação dos sambaqueiros com seus “aquatórios”. O entrelaçamento entre essas comunidades e as águas fica amplamente evidenciado através do sistema de assentamento dos sítios arqueológicos e também nos estudos sobre as comunidades pescadoras do presente, nos quais os rios, lagoas e mares aparecem como lugares centrais para sociabilidade entre as pessoas – de um mesmo grupo ou pertencentes às comunidades adjacentes – e também na relação com os demais seres que habitam as águas, especialmente os peixes.

Visibilidade e navegação também são fenômenos relevantes para compreender a importância das águas para os sambaqueiros. Os sítios arqueológicos são estruturas de visibilidade em dois sentidos: de um lado, proporcionam através de sua altitude, um lugar privilegiado na paisagem para a observação das áreas próximas; por outro, a partir das águas os mesmos sítios são referências para a navegação, para a marcação de lugares de importância produtiva e simbólica e, por fim, como lugares de encontro, seja com seus antepassados ou com outras pessoas no convívio social. Especialmente no caso da navegação fica evidente a aproximação com as comunidades de pescadores atuais, pois, segundo os estudos apresentados o sistema de triangulação para a navegação e é uma prática recorrente nas sociedades pescadoras. Conclui-se também que há uma relação

intrínseca entre o processo de “aquatorialização” – territorialidade – e a navegação, já que a última possibilita o domínio, o conhecimento e a posse de lugares de importância para os sambaquieiros, assim como para os pescadores do presente.

Quanto aos pesqueiros e aos peixes se destaca a indivisibilidade entre práticas produtivas e simbólicas. Novamente a água é o lugar central para as atividades pesqueiras, pois a delimitação dos pesqueiros e a seleção e captura dos peixes seguem critérios complementares, vinculadores especialmente aos fenômenos atmosféricos, aos conhecimentos prévios dos pescadores (sobre o comportamento das espécies) e também quanto à seleção das espécies para o consumo e para a ocasião – ritual ou cotidiana. O grande volume de pescado associado aos contextos rituais também aponta para a importância da água e dos seres aquáticos na cosmologia dos sambaquieiros, bem como o conjunto de esculturas em pedra que também demonstram como a vida aquática possui um significado especial para a vida dos pescadores em terra, já que as mesmas encontram-se geralmente associadas aos contextos funerários.

Com isso, conclui-se que as águas, sejam rios, lagoas e mares, são lugares centrais para a reprodução do modo de vida pescador. A partir de toda a materialidade encontrada no sítio arqueológico – até mesmo sítio em si – observa-se a forte conexão entre os sambaquieiros e as águas. O olhar da arqueologia, fortemente orientado a partir de uma perspectiva terrestre, certamente dificultou a compreensão das sociedades pescadoras do passado enquanto eminentemente aquáticas. Ao redirecionar a observação, isto é, entender os sítios arqueológicos e sua materialidade a partir da perspectiva das águas, pode-se realizar uma aproximação sociológica com as populações pescadoras do presente, compreendendo os fenômenos sociais que articulam a pesca em um sentido mais geral. A delimitação dessas antigas populações construtoras de sambaquis como eminentemente pescadoras passa, portanto, pela compreensão da água enquanto uma superfície relevante de agenciamento desse modo de vida, tal como se buscou demonstrar ao longo da argumentação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADOMILLI, G. Trabalho, meio ambiente e conflito: um estudo antropológico sobre a construção da identidade social dos pescadores do Parque Nacional da Lagoa do Peixe – RS. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), PPGAS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2002.

ADOMILLI, G. Terra e mar, do viver e do trabalhar na pesca marítima: tempo, espaço e ambiente junto a pescadores de São José do Norte – RS. 2007. Tese (Doutorado Em Antropologia Social). PPGAS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007.

ADOMILLI, G. Territorialidade e conflito na pesca embarcada: um estudo de caso sobre os pescadores de São José do Norte e suas analogias sobre os animais marinhos. In: ADOMILLI, G.; D'AMBROSIO, L; CARREÑO, G; MILLER, F. Povos e coletivos Pesqueiros: Estudos etnográficos e perspectivas sócioantropológicas sobre o viver e o trabalhar. Rio Grande: Editora da FURG, 2016, p. 19-46.

BACHELARD, G. A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BEGOSSI, A. Áreas, pontos de pesca, pesqueiros e território na pesca artesanal. In BEGOSSI, A. (Org.), Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia. São Paulo: HUCITEC, 2004, p. 223-255.

BERKES, F; SEIXAS, C. Building resilience in lagoon social–ecological systems: a local-level perspective. *Ecosystems*, 8, 967–974, 2005.

CATÃO, B. Águas de Dançar Juntos: coordenação e sintonização multiespécies na pesca com os botos em Laguna (SC, Brasil). *Ilha - Revista de Antropologia*, v. 23, p. 30-49, 2021.

DA SILVA, C. A percepção territorial-ambiental em zonas de pesca. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 2(3), 25-32, 2007.

DEBLASIS, P; FISH, P; FISH, S. Some references for the discussion of complexity among the sambaqui moundbuilders from the southern shores of Brasil. *Revista de Arqueologia Americana, MEXICO*, v. 15, p. 75-105, 1998.

DEBLASIS, P; GASPAR, M; FISH, P; FISH, S. Eventos incrementais na construção de sambaquis, sudeste do estado de Santa Catarina. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo*, v. 10, p. 69-87, 2000.

DEBLASIS, P; KNEIP, A; SCHEEL-YBERT, R; GIANINI, P; GASPAR, M. Sambaquis e paisagem: dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. *Arqueología Suramericana*, v. 3, p. 28-61, 2007.

DEBLASIS, P; GASPAR, M.; KNEIP, A. Sambaquis from the Southern Brazilian Coast: Landscape Building and Enduring Heterarchical Societies throughout the Holocene. *Land* 2021, 10, 757.

DIEGUES, A. Pesca e marginalização no litoral paulista. 1973. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 1973.

DIEGUES, A. Tradition and change in brazilian fishing communities: towards a social anthropology of the sea. In DIEGUES, A (Org.), Tradition and social change in the coastal communities of Brazil São Paulo: NUPAUB, 1997, p. 1-24.

DIEGUES, A. Ilhas e mares: simbolismo e imaginário. São Paulo: Hucitec, 1998.

DIEGUES, A. A sócio-anthropologia das comunidades de pescadores marítimos do Brasil: uma síntese histórica. São Paulo, NUPAUB, 1999.

DIEGUES, A. (org). A imagem das águas. São Paulo: Hucitec/NUPAUB-USP, 2000.

DIEGUES, A. A pesca construindo sociedades. São Paulo: NUPAB- USP, 2004.

DUARTE, F. As redes do suor: a reprodução social dos trabalhadores da produção do pescado em Jurujuba. 1978. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). PPGAS, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1978.

EDGEWORTH, M. Fluid Pasts: Archaeology of Flow. Bristol Classical Press, 2011.

ESCORCIO, E; GASPAR, M. Um Olhar Sobre Gênero: Estudo de Caso – Sambaquieiros do RJ. Revista de Arqueologia, v.23, n.1, p. 72-88, 2010.

FERREIRA, J; BANDEIRA, D; BARTZ, M; FOSSILE, T; MAYORKA, F. Reflexões sobre a pesca pré-colonial na Baía da Babitonga, litoral norte de Santa Catarina, Brasil. Cadernos do Lepaarq, v.16, n. 32, 2019.

FIGUTI, L.. O homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, v. 3, p. 67-80, 1993.

FIGUTI, L.. Estórias de arqueopescador. Revista de Arqueologia, v. 11, p. 57-70, 1998.

FORMAN, S. The Raft Fishermen: Tradition and Change in the Brazilian Peasant Economy. Bloomington: Indiana University Press, 1970.

GASPAR, M. Aspectos da organização social de um grupo de pescadores, coletores e caçadores: Região compreendida entre a Ilha Grande e o delta do Paraíba do Sul, Estado do Rio de Janeiro. 1991. Tese (Doutorado em arqueologia) MAE -USP, 1991.

GASPAR, M. Zoolitos, Pesces e moluscos - cultural material e identidade social. Artesanias de America, v. 47, p. 81-96, 1995.

GASPAR, M. Considerations about the sambaquis of Brazilian coast. Latin American Antiquity, v. 72, n.227, p. 592-615, 1998.

GASPAR, M. Sustainable Productivity and Complexity: Insights from Contemporary Fishermen. In: XV Congress International Union For Prehistoric And Prohistoric Scieens, 2006, Lisboa. Resumos, 2006.

GASPAR, M; KLOKLER, D; DEBLASIS, P. Traditional Fishing, Mollusk Gathering, and the Shell Mound Builders of Santa Catarina, Brazil. Journal of Ethnobiology, v. 31, p.188-212, 2011.

GASPAR, M; KLOKER, D; DEBLASIS, P. Were Sambaqui People Buried in the Trash ? Archaeology, Physical Anthropology, and the Evolution of the Interpretation of Brazilian Shell Mounds. In: ROKASNDIS, M; SOUZA, S; EGGERS, S; KLOKLER, D. (Orgs). The Cultural Dynamics of Shell-Matrix Sites. 1ed.: University of New Mexico Press, 2014, v. , p. 91-100.

GILSON, S.P.; LESSA, A. Pre-colonial groups from brazilian coast and sharks: first glimpse on a complex relationship by the case study of the shallow site rio do meio, Santa Catarina. Cadernos do LEPAARQ, v. 16, n. 32, 2019.

KLOKLER, D. M. Food for Body and Soul: Mortuary Ritual in Shell Mounds (Laguna, Brazil). 2008. Tese (Doutorado em Arqueologia). University of Arizona, 2008.

KLOKLER, D. Consumo ritual, consumo no ritual: festins funerários e sambaquis. *Habitus*, v. 10, p. 83-104, 2012.

KLOKLER, D. Animal para toda Obra: fauna ritual em sambaquis. *Habitus* (UCG. Impresso), v. 14, p. 21-34, 2016.

KNEIP, A; FARIAS, D; DEBLASIS, P. Longa duração e territorialidade da ocupação sambaqueira na laguna de Santa Marta, Santa Catarina. *Revista de Arqueologia*, v. 31, p. 25-51, 2018.

KOTTAK, C. P. *Assault on paradise: social change in a Brazilian village*. Michigan: McGraw-Hill, 1983.

KRONE, R. Informações ethnographicas do valle do rio Ribeira de Iguape In: Comissão Geográfica e Geológica. *Exploração do Rio Ribeira de Iguape*. 2 Ed. São Paulo: Rothscild & Company, 1914.

LIMA, T; SILVA, R. Zooarqueologia: alguns resultados para a pré-história da Ilha de Santana. *Revista de Arqueologia* (Belém), v. 2, p. 10-40, 1985.

LIMA, T. Dos mariscos aos peixes: um estudo zooarqueológico de mudança de subsistência na pré-história do Rio de Janeiro. 1991. Tese (Doutorado em Arqueologia). MAE-USP, 1991.

LIMA, T; MAZZ, J. La emergencia de complejidad entre los cazadores-recolectores de la atlántica meridional sudamericana (Brasil y Uruguay). *Revista de Arqueologia Americana*, v. 17/19, p. 129-175, 1999.

MALDONADO, S. *Mestres e Mares, espaço e indivisão na pesca marítima*. São Paulo: Annablume, 2º edição, 1994.

MALDONADO, S. O caminho das pedras: percepção e utilização do espaço marinho na pesca simples. In: DIEGUES, A. C (org). *A imagem das águas*. São Paulo: Hucitec/NUPAUB-USP, 2000, p. 59-68.

MILHEIRA, R. Visibilidade, comunicação e movimento entre os cerriteiros na paisagem aquática da laguna dos Patos, Sul do Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 16, p. 1-18, 2021.

MOURÃO, F. *Pescadores do litoral sul do Estado de São Paulo*. São Paulo: Hucitec/NUPAUB-USP, 2003.

OKUMURA, M; BOYADJIAN C; EGGERS, S. . Análise da exostose do meato auditivo externo como um marcador de atividade aquática em restos esqueléticos humanos da costa e do interior do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 15-16, p. 181-187, 2005.

POMPEU, F. O universo numa casca de marisco : arqueologia animista aplicada aos sambaquis e zoomorfos do Brasil meridional. 2021. Tese (Doutorado em História) PPGH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2021.

PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992.

PROUS, A. As esculturas de pedra (zoólitos) e de osso dos sambaquis do Brasil meridional e do Uruguay. *REVISTA MEMORARE*, v. 5, p. 197, 2018.

RODRIGUES-CARVALHO, C. Marcadores de Estresse Ocupacional em Populações Sambaqueiras do Litoral Fluminense. 2004. Tese (Doutorado em Saúde Pública).

Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, RJ, 2004.

SEIXAS, C; TROUTT, E. Socio-economic and ecological feedbacks in lagoon fisheries: management principles for a co-evolutionary setting. *Interciencia*, 29(7), 362-368, 2004.

SILVA, L. Pescadores da Barra do João Pedro, um estudo etnoarqueológico. 2012. Dissertação (Mestrado em História). PPGH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2012.

SILVA, L. Com vento a lagoa vira mar: uma etnoarqueologia da pesca no litoral norte do RS. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 10, n. 2, p. 537-547, 2015.

SILVA, L. Os materiais de pesca fluindo. Uma Arqueologia com os pés na água. Tese (Doutorado em Arqueologia). PPGArq, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2018.

SILVA, L. A fluidez das relações materiais: uma arqueologia com os pés na água. *Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, 32(1), 108-128, 2019.

SILVA, L; GASPAS, M. Anzóis, redes e pescadores: reflexões sobre a arqueologia da pesca. *Revista de Arqueologia*, v.32, n.2, Edição especial Museu Nacional (volume 1), p. 4-15, 2019.

SILVA, L. Navegando sobre lugares. Um ensaio da percepção do ambiente através de uma etnografia arqueológica da pesca. Tekoporá. *Revista Latinoamericana De Humanidades Ambientales Y Estudios Territoriales*, v. 2, p. 143-166, 2020.

STRANG, V. *The meaning of water*. Oxford: BERG, 2004.

STRANG, V. *Common Senses: Water, Sensory Experience and the Generation of Meaning*. *Journal of Material Culture*. v.10, n.1, p.92-120, 2005.

TENÓRIO, M. O lugar dos aventureiros: identidade, dinâmica de ocupação, e sistema de trocas no litoral do Rio de Janeiro há 3.500 anos antes do presente. 2003. Tese (Doutorado em História) PPGH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2003.

WAGNER, G; SILVA, L. Prehistoric maritime domain and Brazilian shellmounds. *Archaeological Discovery*, 2(1), 1-5, 2014.

WAGNER, G; SILVA, L; HILBERT, L. O Sambaqui do Recreio: geoarqueologia, ictioarqueologia e etnoarqueologia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 15(2), 1-12, 2020.

WAGNER, G; SILVA, L. Saberes e pesqueiros: uma arqueologia das populações pescadoras do sul do Brasil. *Revista de Arqueologia*, v. 34, p. 124-135, 2021.

WAGNER, G. Monumentalidade e Marcação: Conceitos Para A Compreensão da Pesca nas Sociedades Sambaquieiras. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 17, n 1, p. 1-10 2022.

WIENER, C. Estudos sobre os Sambaquis do Sul do Brasil. *Arquivos do Museu Nacional*, (1): 2-20, 1876.

ZEDEÑO, M. The archaeology of territory and territoriality. In: DAVID, B; THOMAS, J. *Handbook of landscape archaeology*. London: Routledge, 2008, p. 210-217.